

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROBLEMATIZANDO O DISCURSO DOCENTE E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

Mariane de Almeida Bahiana¹

mariane_dealmeida@hotmail.com

Anna Carolina Carvalho de Souza¹

uerjanna@gmail.com

Leandro Teófilo de Brito²

teofilo.leandro@gmail.com

Michele Pereira de Souza da Fonseca¹

michelepsf22@gmail.com

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

²Colégio Pedro II (CPII)

RESUMO

O trabalho buscou analisar os discursos das professoras regentes da Educação Infantil de uma Escola Municipal do Rio de Janeiro, e discutir como estes podem impactar nas aulas de Educação Física deste segmento. Foi realizada uma entrevista com três professoras e entre os resultados encontramos discursos conservadores e estereotipados, dúvidas sobre o tema e práticas pedagógicas que contribuem para desigualdades de gênero. Concluímos que a temática ainda necessita ser mais difundida e fomentada.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Educação Física escolar; Educação Infantil

INTRODUÇÃO

Entendendo o termo gênero como a construção social, cultural e histórica das diferenças sexuais entre homens e mulheres (SCOTT, 1995), ou pensando ainda que “[...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p.200), podemos desconstruir com maior clareza o binarismo em que muitas vezes se encontram apoiados os significados de gênero.

* O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Pensando especificamente na educação como uma das formas mais eficientes para a conscientização da sociedade, é fundamental afirmar que o ambiente escolar é singularmente propício para o debate de assuntos tão importantes como este, pois normalmente são locais reprodutores das relações desiguais de poder, e sendo assim podem/devem investir em um conhecimento crítico que problematize estas questões (FERNANDES, 2010).

Especialmente na Educação Infantil, é comum observar tarefas da rotina escolar que são divididas por gênero de maneira naturalizada. Como afirma Paechter (2009) “[...] os corpos infantis são quase sempre regulados e controlados para serem gendrados [...]” (p.73), e assim são mínimos os espaços de liberdade na escola, o que encontramos normalmente são ambientes extremamente reguladores onde ser menino ou menina deve seguir um padrão.

Ainda sobre a educação, pensando especificamente nas aulas de Educação Física, não é raro encontrar práticas pedagógicas que fazem divisões por gênero, que influenciam as crianças (mesmo que inconscientemente) a terem atitudes competitivas, e aulas pensadas a partir de abordagens de cunho tecnicista. Isso ainda se dá pelo histórico excludente da Educação Física, que pelos métodos militarista, eugenista e higienista, contribuiu para que fosse reforçado o binarismo e as separações por gênero.

Sabemos que a Educação Física vem se ressignificando como um espaço apropriado para reflexões de gênero e da perspectiva inclusiva de forma abrangente. Para isso, a escola necessita reinventar práticas inclusivas, e oferecer um currículo que contemple experiências e interesses em diversas áreas. Sendo assim, na Educação Física escolar, é necessária a busca por aulas coeducativas, considerando a igualdade de oportunidades entre os gêneros (ZUZZI; KNIJNIK, 2010).

A partir de observações do cotidiano escolar das crianças da Educação Infantil, especificamente nas aulas de Educação Física, constatou-se grandes adversidades em relação às questões de gênero, o que gerou muitas inquietações e reflexões acerca do assunto e de como as/os professoras/es regentes de turma podem influenciar positiva ou negativamente as crianças. Algumas questões orientam esse trabalho: Como as/os professoras/es podem influenciar as questões de gênero na Educação Infantil? As/os professoras/es abordam esse assunto com as crianças ou debatem com os responsáveis? O que isso pode influenciar na Educação Física escolar? Essas e muitas outras perguntas surgem diante do cenário encontrado nas escolas e se tornam a principal justificativa para esta pesquisa sobre os significados de gênero na educação.

O estudo é constituído por entrevistas, onde o público alvo são professoras da Educação Infantil de uma escola pública do Rio de Janeiro, e assim, a pesquisa tem como principal objetivo identificar quais são os principais significados de gênero produzidos nos contextos escolares, especificamente em turmas de Educação Infantil, pela problematização dos discursos das professoras regentes e como esses significados podem reverberar nas aulas de Educação Física escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com três professoras da rede pública do município do Rio de Janeiro, que estavam atuando como regentes na Educação Infantil, especificamente na Pré-escola, no período de outubro a dezembro de 2018.

Para realizar as entrevistas, este trabalho teve um caminho metodológico que se aproxima dos estudos pós-estruturalistas, com o objetivo de enfatizar o caráter não essencial e o posicionamento contingente e móvel nas falas das participantes da pesquisa (BRITO, 2018).

Neste contexto, elaboramos doze perguntas semiestruturadas, que podemos considerar uma conversa ou um encontro dialógico, como propõe Brito (2018), para assim, produzir as narrativas das professoras sobre os sentidos do masculino e do feminino na Educação Infantil.

O encontro aconteceu na própria escola onde as professoras atuavam, na zona oeste do Rio de Janeiro. Após as conversas e os encontros dialógicos que produziram as narrativas, utilizamos o procedimento de análise de conteúdo para a interpretação dos dados (MORAES, 1999; BARDIN, 2011).



As categorias foram pós-definidas, trazendo interlocução com a perspectiva teórica em que nos apoiamos neste trabalho, entretanto os processos de preparação das informações; unitarização; categorização; descrição e interpretação (MORAES, 1999), foram fidedignamente realizados.

DISCUSSÃO DOS DADOS

As três professoras concederam informações de perfil (gênero, idade, formação e tempo no magistério), tiveram liberdade para falar sobre si mesmas (pessoal e profissionalmente), e escolheram um nome fictício para serem identificadas.

Dado os limites deste trabalho, a categoria a ser analisada se denomina como “Práticas pedagógicas”. Esta categoria se fez necessária a partir dos relatos de muitas situações do cotidiano que foram trazidas pelas professoras nas entrevistas.

A fala a seguir é da professora *Márcia*, a partir da questão “você acha que a escola contribui de alguma forma para que haja separação entre meninos e meninas?”, a entrevistada respondeu:

Ah sim! A própria forma que divide meninos e meninas, a aula de Educação Física que separa dependendo do professor, da postura dele. Porque as coisas às vezes são feitas inconscientemente, né? Até mesmo na hora de fazer uma atividade na sala de aula, meninos pra lá e meninas pra cá. (Professora Márcia).

A narrativa da professora descreve algo muito comum nas escolas, principalmente nos anos iniciais: a separação exacerbada e descontextualizada entre meninos e meninas. Essa norma é uma barreira quase que intransponível reproduzida tradicionalmente há muitas gerações. Ao questionar as professoras sobre o motivo das divisões por gênero para fazer as fileiras por exemplo, as respostas foram parecidas e falas do tipo “é natural”, “é uma questão de organização” e “porque sempre foi assim” foram ouvidas diversas vezes.

Existem muitas outras práticas pedagógicas que reforçam esses padrões de gênero, como por exemplo, caixas de brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, as tradicionais chamadinhas com os nomes das meninas da cor rosa e dos meninos de cor azul, jogos e brincadeiras onde as meninas competem contra os meninos ou muitas vezes, as meninas deixam de participar.

A conversa destacada a seguir, é um exemplo claro dessas práticas pedagógicas reforçadoras de estereótipos, que muitas vezes são naturalizadas no cotidiano escolar. A narrativa da professora se deu a partir da pergunta “Nas suas turmas, você faz divisões por gênero?”:

Não. Nunca. Ou melhor... eu divido as filas... faço também contagem, né? Vejo quantos meninos vieram e quantas meninas vieram, na hora de fazer a chamada também, e isso eu faço sem perceber, é quase como uma tradição, não acho que isso cause sofrimento, é só uma questão de organização mesmo (Professora Carla).

Refletindo sobre essas práticas pedagógicas, podemos perceber que não é “aceitável” que uma criança misture em sua compreensão o que é considerado socialmente masculino e o que é considerado socialmente feminino. Caso essas “confusões” sejam feitas pelos/as alunos/as, a instituição prontamente se encarrega pelo controle produtor, pois comportamentos que desviam do padrão social imposto são considerados indicadores de uma homossexualidade latente que precisa ser reprimida (BENTO, 2011). “Isso não é coisa de menino/a” não é uma frase rara de se ouvir pelos corredores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos compreender quais eram os significados de gênero produzidos nos contextos escolares, a partir da problematização dos discursos das professoras regentes de turma da Educação Infantil, para assim refletir como esses significados podem impactar nas aulas de Educação Física escolar.



Observando as reflexões das professoras entrevistadas, entendemos que os sentidos performativos do gênero são fortemente representados e repetidos indo ao encontro do que a sociedade impõe. Além disso as práticas pedagógicas das professoras regentes de turma ainda afetam efetivamente o comportamento das crianças nas aulas de Educação Física.

A naturalização da separação por gênero feita pelas professoras em muitos momentos da rotina escolar, faz com que a tentativa de desconstrução deste comportamento por parte de outro/a professor/a se torne uma tarefa muito mais complexa do que poderia ser, levando em consideração que as crianças dos anos iniciais passam a maior parte do tempo escolar com as professoras regentes de turma. Sendo assim, nas aulas de Educação Física, bem como em qualquer outro ambiente dentro da escola, é comum perceber os grupos sempre divididos entre meninos e meninas, mesmo quando não há intervenção docente.

Esta pesquisa ainda pode ser ampliada, com trabalhos de observações participantes tanto nas aulas de Educação Infantil quanto nas aulas de Educação Física neste mesmo segmento, para que possamos adquirir dados mais consistentes desta influência dos discursos dos/as professores/as regentes no comportamento das crianças em outros ambientes escolares.

É importante ressaltar que, para que o objetivo de participação efetiva de todos e todas seja alcançado, além da igualdade de oportunidades, é necessário pensar uma educação que privilegie a liberdade dos corpos, para que possamos refletir que muito mais do que conhecer ou aceitar, é necessário o respeito, a valorização e o entendimento de que a diferença é a própria riqueza da sociedade. Portanto, o comprometimento das/os educadoras/es com a perspectiva inclusiva se torna indispensável e fundamental para a desconstrução de estereótipos que causam tanto sofrimento por parte daqueles/as que não se enquadram nos padrões culturais engessados de gênero e para que assim, as relações desiguais de poder sejam minimizadas.

GENDER IN CHILDREN EDUCATION: PROBLEMATIZING TEACHING SPEECH AND IMPACTS IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

We analyzed discourses of teachers of the Child Education of a School of RJ understanding how they can impact Physical Education. Interviews were conducted with three teachers and we found conservative discourses, doubts about the theme and practices that contribute to gender inequalities. We conclude that the theme still needs to be more widespread.

KEYWORDS: *Gender; Physical Education; Child Education*

GÉNERO EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: PROBLEMATIZAR EL DISCURSO DE ENSEÑANZA E IMPACTOS EN LA ESCUELA EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Analizamos los discursos de maestras de la Educación Infantil y comprendemos cómo pueden impactar la Educación Física. Se realizaron entrevistas con tres docentes y encontramos discursos conservadores, dudas sobre el tema y las prácticas que contribuyen a las desigualdades de género. Llegamos a la conclusión de que el tema aún necesita ser más generalizado.

PALABRAS CLAVES: *Género; Educación Física; Educación Infantil*



REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 1ª reimpressão da 1ª edição. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Estudos feministas*. Florianópolis, v.19, n.2, p.548-559, 2011.
- BRITO, L. T. *Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer*. 2018. 228p. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERNANDES, S. C. "Cadê a bola, dona?" Ou sobre os significados de gênero nas aulas de educação física. In: DAOLIO, J. (Org.). *Educação física escolar: olhares a partir da cultura*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 101 – 119.
- MORAES, R. Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v.22, n.37, p.7-32, 1999.
- PAECHTER, C. *Meninos e Meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. v.20, n.2, p.71-99. 1995.
- ZUZZI, R. P.; KNIJNIK, J. D. Do passado ao presente: reflexões sobre a história da Educação Física a partir das relações de gênero. In: KNIJNIK, J.; ZUZZI, R. (Org.). *Meninas e Meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí: Fontoura, 2010, p. 59 – 70.

